
EVANDRO OLIVEIRA/ARQUIVO/JC

VISÃO EMPRESARIAL

Norton Luiz Lenhart

Conselheiro Superior da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA)

A estratégica de ter um centro de eventos para Porto Alegre

Porto Alegre reúne condições para se consolidar como um dos principais destinos de congressos e eventos do Brasil e da América Latina. Para transformar esse potencial em desenvolvimento concreto, porém, é fundamental investir em infraestrutura, mobilidade, segurança e promoção turística. Nesse cenário, a implantação de um centro de eventos moderno, bem localizado e integrado à cidade, representa uma decisão estratégica para o futuro econômico, social, cultural e de conhecimento para a capital gaúcha.

O turismo de congressos e eventos é um dos segmentos mais relevantes do turismo urbano mundial, pois atrai visitantes ávidos pelo conhecimento que, em geral, permanecem mais tempo na cidade e apresentam maior consumo em hotelaria, gastronomia, transporte, comércio e serviços. Além disso, congressos, feiras e convenções contribuem para reduzir a sazonalidade, movimentando a economia também em períodos de menor demanda turística.

Mais do que uma obra física, um centro de eventos representa o maior projeto de desenvolvimento para Porto Alegre a médio e longo prazo.

Para citar um exemplo, os resultados do South Summit Brasil demonstram essa capacidade. Em 2026, o estudo de impacto socioeconômico estimou uma movimentação econômica de R$ 123,8 milhões, além da geração de mais de 3 mil empregos. Esses resultados evidenciam a capacidade dos grandes eventos de impulsionar a economia local, beneficiando setores como hotelaria, gastronomia, transporte, comércio e serviços. Além dos impactos econômicos mensuráveis, há um legado de conhecimento, conexões e oportunidades de negócios que se estende às empresas, às instituições e às pessoas.

Um centro de eventos de grande porte ampliaria essa oportunidade, permitindo receber congressos, exposições e encontros nacionais e internacionais com maior regularidade. O resultado seria a geração de empregos diversificados, o fortalecimento de pequenos e médios negócios e o aumento da arrecadação pública.

Os ganhos vão além da economia. Eventos nas áreas de tecnologia, saúde, educação e economia criativa estimulam o intercâmbio entre universidades, empresas e poder público, favorecem a inovação e o conhecimento, atraindo investimentos. Ao sediar encontros de relevância nacional e internacional, Porto Alegre também fortalece sua imagem como cidade moderna, competitiva e preparada para novos desafios.

Para alcançar esses resultados, é necessário enfrentar obstáculos com vontade política para avançar neste setor, a busca de espaços adequados, a integração entre aeroporto, hotéis e o local dos eventos, além de questões relacionadas à segurança e à conservação urbana.

Por isso, a implantação de um centro de eventos deve estar associada a políticas de mobilidade, acessibilidade, qualificação profissional, segurança e uma forte estrutura para captação permanente de congressos e eventos. A participação conjunta do poder público, da iniciativa privada, das universidades e das entidades do setor será decisiva para garantir gestão eficiente e resultados duradouros. O espaço também poderá acolher atividades culturais, educacionais e comunitárias, ampliando seus benefícios para a população.

Mais do que uma obra física, um centro de eventos representa o maior projeto de desenvolvimento para Porto Alegre a médio e longo prazo.

A coluna Visão Empresarial é publicada neste espaço às segundas-feiras

OPINIÃO

O próximo salto do RS não é tecnológico. É estratégico

Leticia Batistela

Diretora do ICT/MPRS e presidente do comitê de impacto social do South Summit Brazil

Vejo o Rio Grande do Sul vivendo um momento importante de amadurecimento do seu ecossistema de inovação. Avançamos: fortalecemos parques tecnológicos, aproximamos universidades, empresas, poder público e startups e passamos a entender a inovação não apenas como tecnologia, mas como estratégia de desenvolvimento econômico.

Como cria desse ecossistema, acompanhei essa evolução por diferentes perspectivas: no associativismo, na liderança de entidades empresariais, na construção da ANCITI e, especialmente, à frente da Procempa. Ali, trabalhamos para transformar uma empresa pública de tecnologia em um hub de inovação, conectando o poder público a universidades, empresas e startups. Essa experiência reforçou uma convicção: inovar é conectar pessoas, conhecimento.

O Rio Grande do Sul tem ativos extraordinários: universidades de excelência, talentos, empresas consolidadas e parques tecnológicos relevantes. O desafio é integrar melhor essas forças para gerar oportunidades e valor para a economia gaúcha.

Precisamos avançar em três frentes. A primeira é superar iniciativas isoladas e construir uma estratégia articulada, com agendas comuns e cooperação. O ecossistema precisa funcionar como um sistema, não como uma soma de boas iniciativas.

A segunda é transformar conhecimento e tecnologia em negócios e produtividade. Isso exige fortalecer deeptechs, aproximar universidades e mercado, ampliar o acesso a capital e criar condições para que startups cresçam e conquistem mercados nacionais e internacionais.

A terceira é aproximar o setor público desse movimento. Estado e municípios podem ser indutores da inovação, usando desafios da gestão, compras públicas e parcerias para desenvolver soluções e abrir mercados.

Precisamos tratar a inovação como política de desenvolvimento de longo prazo, com governança, indicadores, continuidade e capacidade de execução. Hoje, à frente do Instituto de Ciência e Tecnologia do Ministério Público do Rio Grande do Sul, sigo aproximando ciência, tecnologia, universidades, startups e setor público. A oportunidade é transformar a potência que já construímos em uma estratégia coordenada de desenvolvimento econômico.

O RS não precisa apenas de mais iniciativas de inovação. Precisa conectar seus ativos, ampliar sua ambição e transformar boas ideias em resultados. Inovação precisa gerar competitividade, oportunidades e melhorar a vida das pessoas.

Precisamos tratar a inovação como política de desenvolvimento de longo prazo, com governança, indicadores, continuidade e capacidade de execução.


LETICIA BATISTELA/ARQUIVO PESSOAL/JC

A reforma tributária como teste de visão sistêmica

Lucas Echel

Engenheiro de produção e associado do IEE

O que a reforma tributária tem a ver com engenharia de produção? Mais do que parece. Ao longo da minha formação e experiência na gestão, aprendi a olhar a empresa como sistema. Produção, compras, vendas, finanças, pessoas e tecnologia podem estar separadas no organograma, mas não funcionam de forma independente. É por isso que acredito que a reforma tributária será um grande teste de visão sistêmica para as empresas.

Quando se fala em IBS, CBS e na transformação da tributação sobre o consumo, é natural direcionar o assunto ao fiscal, à contabilidade ou aos especialistas tributários. Eles terão papel técnico central. O erro é concluir que a reforma pertence apenas a essas áreas. Uma decisão de compra, por exemplo, não poderá considerar apenas preço, qualidade, prazo e condição de pagamento. Créditos, documentação e conformidade do fornecedor também passam a interferir no resultado. O comprador não precisa se tornar especialista tributário, mas precisa compreender melhor o impacto de suas decisões.

Isso vale para vendas e finanças. Preço, margem, tributação, créditos e fluxo de caixa estarão conectados. Sistemas precisarão ser parametrizados, cadastros precisarão estar corretos e informações geradas em uma área serão utilizadas por outra. Aqui está uma lógica conhecida na engenharia de produção: aumentar a velocidade de uma máquina não significa aumentar a produtividade da fábrica. Se a etapa seguinte não absorver o ganho, apenas deslocamos o gargalo. A empresa funciona da mesma forma. Otimizar uma área não significa otimizar o negócio.

Há ainda uma aparente contradição. A reforma busca simplificar a tributação sobre o consumo, mas a transição exigirá convivência entre regras atuais e novas. Para chegar à simplificação, primeiro teremos de administrar mais complexidade. Isso exigirá conhecimento técnico, mas também capacidade de enxergar conexões. Compras precisará conversar com fiscal; fiscal com financeiro; financeiro com comercial; comercial com tecnologia.

E a liderança precisará compreender essas interfaces sem perder de vista o resultado da empresa como um todo. A reforma tributária começa no imposto. A preparação para ela começa quando a empresa aprende a enxergar a si mesma como um sistema.

Os artigos para esta página devem ter entre 2 mil e 2.200 caracteres, podendo ser sintetizados